

## A CIDADE EUROPÉIA NA SÃO PAULO DE PIERRE MONBEIG

Antonio Carlos Gaeta

Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Administração Pública

Doutor em Geografia – Araraquara, São Paulo – [gaeta@fclar.unesp.br](mailto:gaeta@fclar.unesp.br)

**Resumo:** O geógrafo francês Pierre Monbeig é reconhecido pela importância e pioneirismo na estruturação da geografia brasileira e na peculiaridade de sua interpretação do Brasil enquanto espaço geográfico-cultural. Com os estudos sobre a cidade de São Paulo, o autor ao mesmo tempo afirma a geografia cultural e traz um olhar europeu sobre a formação do território. São Paulo e o imigrante europeu encontram em Monbeig um intérprete. O Brasil ganha uma leitura singular. O artigo procura mostrar os avanços e limitações da leitura urbana monbeigiana.

**Palavras-chave:** Pierre Monbeig. Geografia Cultural. São Paulo.

**Abstract:** The French geographer Pierre Monbeig is recognized for the importance and pioneerism in the organization of Brazilian geography and in the peculiarity of his interpretation of Brazil while geographic-cultural space. With the studies on the city of São Paulo, the author at the same time affirms cultural geography and brings a European look on the formation of the territory. São Paulo and the European immigrant finds in Monbeig an interpreter. Brazil gains a reading singular. The article looks for to show to the advances and limitations of the Monbeig urban reading.

**Keywords:** Pierre Monbeig. Cultural Geography. São Paulo.

### Introdução

*Animados todos por um zelo idêntico e com o entusiasmo dos sábios viajantes que já não temem mais, hoje em dia, enfrentar os azares de uma longa e ainda, muitas vezes, perigosa navegação, deixamos a França, nossa pátria comum, para ir estudar uma natureza inédita e imprimir, nesse mundo novo, as marcas profundas e úteis, espero-o, da presença de artistas franceses. (Jean Baptiste Debret, Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, 1834)*

Pierre Monbeig (1908-1987) tem uma importância extraordinária no desenvolvimento da Universidade brasileira, principalmente pela sua contribuição para a análise das questões envolvendo o território. Representa o europeu culto, cientista, com enorme interesse na espacialidade, e que chega ao Brasil com a missão de contribuir decisivamente na sedimentação da graduação e da pesquisa científica.

À época (1934), a “ciência” ainda estava procurando definir o Brasil e, para tal, tradicionalmente, a história, a sociologia e a geografia eram convocadas. Não havia, no país, a geografia acadêmica que ele, precedido pela rápida passagem de Pierre Deffontaines (autor de *Geografia Humana do Brasil*, de 1940), conseguiu organizar, coordenando o primeiro curso no país na Universidade de São Paulo. Predestinou-se a implantar linha acadêmica prolífera, organizar uma estrutura funcional, para difundir e

interpretar o significado da realidade espacial brasileira. Teve profunda influência na formação da geografia brasileira e, em 1939, quando da criação de duas cadeiras, ficou responsável pela de Geografia Humana na recém criada Universidade. Permaneceu no país entre 1934 e 1946.

Enquanto proposta científica trouxe para o Brasil a prestigiada metodologia da geografia francesa, fascinada pelas peculiaridades regionais lidas numa Europa sedimentada de história e guerra. Este homem, *sujeito exemplar* no sentido benjaminiano, trouxe consigo a leitura européia da grande cidade latino-americana, embora sempre tivesse procurado estar nos limites da objetividade científica. No Brasil mergulhou na complexa realidade paulistana.

Entre as suas obras destaca-se o conjunto de artigos publicados sob o nome de *Ensaio de Geografia Humana Brasileira* (1940), *Pionniers et planteurs de São Paulo* (Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo), tese de doutorado defendida em 1952, *La Croissance de la Ville de São Paulo* (O Crescimento da Cidade de São Paulo), de 1953, *Le Brésil* (O Brasil), de 1954, e *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira* (1957).

Um dos símbolos da geografia brasileira, Aroldo de Azevedo, foi seu discípulo. Sob a sua orientação foi defendida a primeira tese em geografia no Brasil (*Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista*, por Maria Conceição Vicente de Carvalho, em 1944) e inúmeros grandes estudiosos destacaram-se como Ary França (*Estudo sobre o Clima da Bacia de São Paulo*, 1945), Nice Lecocq Muller (*Tipos de Sitiantes em Algumas Regiões do Estado de São Paulo*, 1946), João Dias da Silveira (*Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira*, 1946).

### **A afirmação da Geografia Cultural**

Entre os inúmeros aspectos que compõem as suas obras sobressai-se a valorização dos elementos culturais, como o feito na leitura da cidade de São Paulo. Toda a sua análise, no sentido geral, é uma afirmação da importância da cultura. Opõe-se, assim, tanto aos encantamentos do determinismo econômico quanto a objetividade cega que só vê no visível significado para o conhecimento da realidade espacial. Frente a qualquer determinismo material o autor, fascinado pelo mundo cultural europeu, afirma que é preciso falar de: “... *um homem-que-pensa e não apenas de um homem-produtor ou de um homem-habitante.*” (1957 [1953], p. 27-28)

E esta é uma questão de método para Monbeig. A fé nos documentos escritos e nas estatísticas não deve comprometer a “humanização” da pesquisa. A observação deve comportar a busca da “alma” dos lugares e valorizar as “maneiras de pensar” dos povos:

Julgo, porém, que uma tal pesquisa [a pesquisa restrita às fontes “objetivas”, estatísticas e documentais] não satisfaria meu mestre Demangeon .... [...] É bem verdade que se dizia que Demangeon era um ‘idealista’ [...] Assim sendo, idealistas também devem ser

considerados todos quantos, dentre nós, sabem e dizem como são poderosas as conseqüências de uma atitude mental e quantos traços pode gravar na geografia de um país (1957 [1953], p. 28).

Assim, frente à evolução urbana é preciso considerá-la como fruto do “dinamismo dos homens e de suas obras” e é preciso saber “quem são estes homens”. Nessa sua proposta, Monbeig vai além de Pierre Deffontaines (*Géographie et Religion*), pois considera que a geografia não pode se prender no que foi marcado nas paisagens pelos *modos de sentir* e *modos de pensar*. A consideração “das mentalidades” deve procurar o que não está perceptível nas paisagens:

[...] pode-se pensar que Deffontaines limita o campo de ação da Geografia Humana, reduzindo seu domínio ao que é diretamente perceptível na paisagem. [...] prende-se somente às marcas mais concretas, mais palpáveis que as crenças e sensibilidades religiosas puderam imprimir às paisagen”. (1957 [1953], p. 29)

Monbeig, no entanto, refaz a questão: “Não existiriam, neste particular, horizontes mais vastos a explorar?” (1957 [1953], p. 29).

Não existiriam horizontes que permitissem relacionar de maneira mais livre formas concretas e mentalidades? Para o autor é necessário associar “mais freqüentemente” o estudo dos modos de pensar e dos gêneros de vida. Os complexos geográficos são inexplicáveis “apenas pelo jogo dos mecanismos econômicos, pelo quadro físico ou pelo comportamento de sua população” (1957 [1953], p. 30).

Um exemplo de seu afastamento das explicações econômicas que sempre seduziram os estudiosos de uma região dinâmica, como São Paulo, é retratado nas suas considerações sobre a transformação urbana que se associou com o desenvolvimento da produção, comércio e exportação de café nas terras paulistas. Monbeig suaviza para esta cidade, a “cidade dos fazendeiros”, o peso do elemento econômico. Segundo ele, o fazendeiro que obrigatoriamente visitava São Paulo, juntava “negócio e cultura”: a expansão dos seus negócios *exigia uma convivência urbana*.

Ou seja, não se trata de uma questão puramente econômica, de um crescimento urbano determinado pela diretriz econômica. O enriquecimento dos fazendeiros do interior paulista \_ que repercutirá significativamente na capital – demandava “necessidades sociais”, levava a outro status social, incluindo os títulos de nobreza. Os novos ricos diferenciavam-se dos seus ancestrais, “ignorantes do luxo, do simples conforto e sem grande preocupação com as ciências, artes ou letras”. Formava-se uma cultura, particularmente um “gênero de vida”, no conceito de época.

Ao tratar da cidade em si, em seu aspecto mais territorial, ele também destaca na “cidade dos fazendeiros” os aspectos menos econômicos desse desenvolvimento. Assim, entende São Paulo “muito mais [como] um mercado de trabalho que um mercado de produtos agrícolas ou industriais”. O autor realça a centralização que se constrói em São Paulo, tendo em vista a

recepção de imigrantes destinados a serem a mão-de-obra nas fazendas de café. Destaca que, a partir de 1888 com a *Hospedaria dos Imigrantes*, São Paulo tornou-se distribuidor dos imigrantes vindos de Santos para as diversas regiões do Estado e atraiu fazendeiros em um movimento contínuo. Esses dois agentes contribuíram para uma revolução urbana da cidade.

A presença imigrante, mesmo junto à *Hospedaria*, significou a produção de um espaço particular, com lojas de pequeno comércio, pensões modestas e construções diversas. Enfim, as primeiras âncoras para o estabelecimento da massa estrangeira na cidade, desviada do “fluxo natural” para o interior. O fazendeiro, com sua riqueza, não somente movimentava o comércio humano, a contratação de trabalhadores, como também o comércio de provisões, de materiais, de vestimentas e gêneros alimentícios, na medida do descompasso entre o abrupto crescimento do interior e a infra-estrutura instalada nos novos núcleos do Estado de São Paulo. Essa vivência esporádica, pouco a pouco se tornou definitiva, atraindo fazendeiros (e outras pessoas) não somente pelas facilidades para os negócios como pela conquista da diversidade mercantil e cotidiana que a capital oferecia. Essa nova presença construiu uma “nova cultura”, urbana e *mesclada de referências internacionais*.

Vê-se em Monbeig, que *cultura* não é um conceito muito distante do “geográfico” e tradicional *gêneros de vida*, na medida em que também se trata de um processo de sedimentação com raízes espaciais e determinado pela ação humana. O autor destaca a noção de gênero de vida – afirmada na geografia por Maximilien Sorre e reforçada por André Cholley – na intenção de considerar, na análise do espaço, a totalidade das atividades humanas, ou seja, os elementos materiais e os elementos espirituais.

Bons mestres e bons livros já muito aconselharam os geógrafos a que renunciassem às explicações simplistas [...] O geógrafo, atento de início às técnicas, observador escrupuloso das maneiras materiais de viver, junta-se aos historiadores e aos sociólogos para proclamar que convém ainda estar atento aos modos de sentir e aos modos de pensar (1957 [1953], p. 26-27).

A geografia humana, segundo Monbeig, precisa encontrar “o homem, com suas maneiras particulares de pensar e de sentir” (1957, p. 27), os “fatores psicológicos” que “são partes integrantes dos gêneros de vida”. A cultura exige convivência social e convivência espacial. Pressupõe um tempo de acumulação, um tempo qualitativo. Assim, a função urbana mesmo não sendo “absolutamente independente do meio geográfico [...] só se torna conhecida com o auxílio do passado” (1957 [1940], p. 54).

É pela sua cultura, revelada pelo “olhar”, que o homem social descobre o lugar. Dessa forma, a situação urbana, isto é, “a posição da cidade em relação a um vasto conjunto regional” (1957 [1940], p. 39), é uma descoberta do olhar e de um sujeito.

O autor valoriza sujeitos, olhares, visões culturais na avaliação do espaço. O estudo de São Paulo lhe permite afirmar, com mais confiança, que embora uma cidade seja frutificada a partir de condições físicas locais e regionais, as quais se mantêm como marcas da paisagem, aquelas mesmas condições só são reveladas ou utilizadas, uma a uma, de acordo com a cultura. E é através da chancela da cultura que a cidade vai sendo caracterizada externa (como o sítio e situação) e internamente (como a fisionomia urbana e a circulação). Ou seja, é na história, nas circunstâncias históricas, na sucessão de sociedades, na sucessão de civilizações que se revela uma força natural interior.

Quando o autor trata da cidade de São Paulo, o que mais destaca são os aspectos culturais. Para ele, o marco fundador de São Paulo é um traço cultural: a “cidade-escola”. O que “a” seduziu não foi o ouro, mas, segundo o autor, “a ambição de educar crianças” (pelos jesuítas). Segundo Monbeig, essa marca fundadora é essencial para a cidade. A “catequese” torna-se, então, uma “função urbana”. Ou seja, há, para o autor, um sentido civilizador trazido pelo europeu e que São Paulo, já no seu início, representa.

O olhar monbeigiano de valorização da cultura chama a atenção para um aspecto relativamente negligenciado nas análises feitas no Brasil, devido a própria leitura mítica do país como uma terra sem preconceitos. Assim, quando menciona a presença de migrantes recorre à experiência europeia para lembrar da inserção cultural do “estrangeiro”. Então, quando trata de populações pobres vivendo em São Paulo nos cortiços, destaca o aspecto cultural: “é brutal a ruptura entre a vida social dos campos e da metrópole” (1969 [1954], p. 75). Há sim conflito de culturas, há sim problemas na assimilação dos imigrantes (e dos migrantes).

Monbeig não vê muitos problemas na assimilação dos europeus, principalmente dos povos mediterrâneos, como os italianos e os espanhóis, tendo em vista a sua semelhança com os portugueses. Destaca a dificuldade de assimilação quando se formam colonizações homogêneas, como as outrora existentes no sul do Brasil (alemães). Na época de sua análise, considerava que os europeus adaptavam-se melhor, em contraste com os orientais, como os japoneses e os sírio-libaneses. Apontava, ainda, que havia um grande problema cultural no lugar subalterno ocupado pelos descendentes de nações africanas (negros) na sociedade brasileira.

### *São Paulo de Monbeig*

Nos seus escritos sobre a grande cidade latino-americana, deve ser destacado o estudo de 1949 – publicado em 1953 às vésperas dos 400 anos de São Paulo – intitulado *La Croissance de la Ville de São Paulo*. Na época e desde a década de 20, a elite política procurava afirmar uma “alma brasileira”, sertaneja. Também por razões políticas, o Brasil vinha sendo apresentado a partir dessa “alma interior, sertaneja”, de forma que uma identidade forçada e fechada permitisse conceber e justificar um Estado forte e centralizado. Sabe-se que até a

década de 30 o Brasil era uma federação de Estados, forma desenvolvida pela República, após 1889, para evitar as constantes revoltas provinciais e separatistas que marcaram o Império.

Tal procura de uma unidade centralizadora por parte do Estado brasileiro contrastava, até certo ponto, com a forte – e relativamente recente – presença de imigrantes vindos de diversas partes do mundo, especialmente para São Paulo. A cidade torna-se a mais cosmopolita no Brasil, a de maior presença imigrante. Pierre Monbeig, em oposição à tendência de afirmação “sertaneja” da alma brasileira, procura destacar o sentido positivo do cosmopolitismo de São Paulo, principalmente o seu aspecto de “pérula” européia, com a qual se impressionou vivamente.

A leitura que Pierre Monbeig faz da cidade de São Paulo insere-se em um momento no qual a urbe ganha dimensões metropolitanas e industriais marcantes, porém inserida ainda em um entorno provincial bastante rural. A sua vinda ao Brasil, para fundamentar um curso de geografia, disciplina então muito prestigiada, deveu-se a um projeto da elite paulistana. Esta tinha sua riqueza em grande parte fundamentada nos interesses cafeeiros e no comércio exterior a ele associado, nas indústrias nascentes e no desenvolvimento comercial. A elite herdava sua relação com o mundo a partir da tradição portuguesa, da tradição branca, de domínio sobre terras e populações rurais. No entanto, a situação estava sendo rapidamente alterada com a ascensão de novas elites de origem não portuguesa, mas européias, voltadas à indústria e ao comércio.

Ainda que em São Paulo – diferindo-se da maior parte do Brasil – se formasse um mercado consumidor mais amplo, incorporando populações antes à margem dos padrões da sociedade moderna, persistia uma forte tradição de distanciamento social. Agora, o dinamismo econômico e a ascensão regional permitiam o florescimento de outras dimensões da vida. O mundo provincial, mundo pequeno e fechado, rapidamente desaparecia. A cidade passava a pulsar com o mundo. É justamente em São Paulo que os ideais e a teorização sobre modernidade ganharam maior impulso.

A concepção que futuro e São Paulo representavam uma coisa só, firmou-se. No entanto, a modernidade, ao menos nos seus primórdios, desenvolveu-se no Brasil com uma certa dissonância da característica mundial. No país, a modernidade caminhou bastante para afirmar valores capazes de dar uma identidade ao Brasil e menos na afirmação de valores universais. A elite paulistana apoiou nas décadas de 20 e 30 essas concepções. Neste sentido Pierre Monbeig representa uma relativa contramão na época. Embora fale no “bandeirante”, ele vai contra tendências fechadas de definir o Brasil nas décadas de 20 e 30. Valoriza o papel do estrangeiro, dos imigrantes, no enriquecimento e descoberta do espaço brasileiro.

Para o autor, é principalmente o europeu que traz o novo e a força do novo. É uma força qualitativa que permite, inclusive, o desenvolvimento da noção de vida pública e obra pública.

Pierre Monbeig apresenta e valoriza a São Paulo multifacetada e estrangeira, principalmente a sua europeização.

Mas o autor teme cair no eurocentrismo, que rechaça conscientemente. Ele vê força na confluência de civilizações. Destaca olhares diversos no tempo e no espaço, fruto de diferentes povos e culturas, como os jesuítas, os bandeirantes, os imigrantes. A diversidade e os diferentes olhares são capazes de revelarem as realidades espaciais concretas e desencadearem forças internas que se espalham como “ondas culturais”.

Assim, São Paulo – ainda que frutificada em determinado berço espacial (local e regional) – só vê a revelação e a utilização das “marcas da paisagem”, uma a uma, pela exposição da cultura. Só a cultura pode por à mostra a força natural interior.

No entanto, acredita que a confluência de civilizações, a presença do estrangeiro, a presença do novo, só ganham sentido de transformação quando há tempo para sedimentação. A ditadura da velocidade, que ele identificava com a influência norte-americana, provocava instabilidade cultural. Para o autor, a identidade exige não homogeneidade, mas tempo.

A sua leitura de São Paulo parte de um ponto de vista europeu, embora Pierre Monbeig não houvesse se descuidado de considerar que havia em si próprio aquele olhar. Procurou proteger-se de possíveis “ilusões” desse seu olhar, na tentativa de dar maior credibilidade científica aos seus escritos:

O pecado do ‘europeu-centrismo’ tão corrente nos estudos de Geografia Física, é ainda mais temível para a Geografia Humana que se afasta de nosso continente. [...] A percepção de um modo de pensar radicalmente diferente do nosso exige, se não uma certa convivência, pelo menos um sério esforço da parte do pesquisador. Se este o esquece, cometerá um pecado que, para ser situado no espaço, deverá ser comparado no mínimo aos pecados do anacronismo, de que fala Lucien Febvre” (1957 [1953], p. 31)

Dentro da sua perspectiva, identifica, ao longo da história, a existência de “duas” cidades de São Paulo. Uma, sonolenta, herdeira do português e do sertanejo, e outra, enobrecida, fruto do encontro de culturas de diferentes civilizações.

Este é um aspecto que ele reforça: a cidade não é fruto de um padrão local, de condições locais e regionais. São Paulo é reflexo e fruto de civilizações. E essas civilizações são compreendidas como fruto cultural, mais que uma proposta econômica.

A civilização – como uma construção sedimentada e onde as mudanças se fazem com caprichos – não existe no Brasil. O Brasil é uma civilização em construção. São Paulo é uma parte motora dessa civilização em construção. Este é, para o autor, o seu charme: o fascínio de uma criação a olhos vivos.

Por outro lado, desprendendo-se do perfil europeu, mais definido, vê, como Albert Demangeon (*Pionniers et Fronts de Colonisation*, 1932), grande força na junção de elementos de diversas origens, como os imigrantes do sul, do nordeste, da Europa e do Japão: a procura do novo, o desprendimento do passado, a vitalidade.

A construção de uma civilização no Brasil, na qual São Paulo é um exemplo destacado pelo autor, pressupõe diferentes fluxos: um contemporâneo, de encontro de culturas; outro, de sucessão de culturas ao longo do tempo, “ondas culturais”; e um terceiro, abarcando os dois primeiros, que é a capacidade de descobrimento dos diferentes olhares que se fizeram sobre a espacialidade.

A “instabilidade”, em confronto com a “estabilidade cultural” européia, compõe a realidade brasileira. Na vida paulistana “nada se estabiliza, nada é definitivo” (1984 [1952], p. 21): “Tudo se passa como se este país conhecesse em setenta e cinco anos [referindo-se à colonização com o café], um século no máximo, o que se levou milênios para fazer na Europa” (1984 [1952], p. 23).

Esta instabilidade é associada, por Monbeig, a uma característica própria do padrão americano. Segundo o autor, São Paulo passou rapidamente de uma civilização portuguesa – adormecida – para uma civilização americana – para a *ditadura da velocidade*. Revela-se uma economia, uma sociedade e um modo de pensar que não se sedimentam, mas que mudam sem parar.

A construção do espaço paulista é feita *por “homens por demais apressados”* (1984 [1952], p. 390). São Paulo é volátil. É a paisagem de uma civilização que não se cristalizou e que, portanto, contém traços de diferentes civilizações. A marca da velocidade está presente na fisionomia da cidade. No afã de “imitar Chicago, os paulistas adotaram a construção vertical, o arranha-céu” (1953, p. 70). Vê americanização no coração da cidade, nos bairros, nas redes aéreas de fios telefônicos e de linhas elétricas. Até mesmo a deterioração é vista como coisa americana. A cidade deteriora-se rapidamente. Cita o caso do bairro dos Campos Elíseos – m antiga área da elite e logo transformada em área de cortiços – e compara-o com os bairros de Chicago.

Mas, apesar de americana em sua rapidez e crescimento, em sua arquitetura, em sua variedade étnica, o autor vê em São Paulo a conservação de um “ritmo de vida europeu”, como os horários das refeições que “freiam o americanismo dos quarteirões de negócios”. Identifica: “um desacordo flagrante entre uma cidade morfologicamente americana em um modo de vida que continua europeu” (1953, p. 83).

Para Monbeig, a complexidade de uma cidade como São Paulo explica-se também pela sucessão de culturas que a construíram. Ao longo da história, ela foi percorrida por diferentes “ondas culturais”. São Paulo é “fruto das civilizações e das sociedades que se sucederam nas margens do Tietê durante quatro séculos”.



Como resultado produziu-se uma “onda paulista” que, nos anos 50, avançava no encontro de outras ondas mais antigas, presentes no território brasileiro, como as de Minas Gerais e da Bahia. A onda paulista é identificada como a mais moderna, a mais homogênea, caracterizada por “hábitos e pelo espírito paulista” (1984 [1952], p.30).

A presença dessas ondas, a sua sucessão, e, mais importante no caso de São Paulo, a sua concomitância tornam-se marcadas na paisagem urbana.

No entendimento de Monbeig, a construção desse mundo urbano também foi obra de olhares, da capacidade de desvendar realidade que eles possuem.

A qualidade do sítio – o “local urbano” – foi revelada na intencionalidade dos jesuítas: naturalmente distante do litoral quente e úmido, no planalto; encravada em meio ao vale do rio Tietê, sobre colina; com um clima com verões menos quentes; e distante das consideradas más influências dos colonos portugueses de São Vicente.

A qualidade da situação geográfica foi obra descoberta pelos olhares dos “bandeirantes”, pioneiros dos séculos XVII e XVIII. Em suas incursões pelo interior (pelo “sertão”) na busca do aprisionamento dos índios, de ouro e de diamante, eles leram na natureza as rotas que convergiam para a cidade de São Paulo. O traço cultural dessa fase – e que se sucedeu ao primeiro século da aldeia jesuítica – foi dado por esses sujeitos, os quais revelaram não somente novos espaços, mas também o significado da espacialidade paulistana em relação ao entorno. Esse olhar particular do bandeirante, distanciado do colonizador português, manifestou uma cultura enraizada em um espaço isolado no interior do Brasil, capaz de apontar perspectivas para uma vida autônoma, uma vida livre de dependências externas.

Já no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, a qualidade ambiental (embora reduzida pelo autor ao clima) teria sido revelada pelos imigrantes europeus: a pressão existente na Europa, que encontrava um desaforo na imigração para países como o Brasil, confortava-se nas condições de São Paulo.

Quando Monbeig se volta para analisar a cidade de São Paulo em sua interioridade, são os elementos culturais que ele também destaca. Na consideração da fisionomia urbana, os bairros, segundo o autor, adquirem importância considerável como representantes de modos de viver e pensar, de culturas locais:

É numa espécie de geografia cultural que se pode pensar aqui. Numa cidade grande, os habitantes dos diferentes bairros não lêem os mesmos jornais, não têm as mesmas opiniões políticas, nem as mesmas atitudes religiosas. Sociologia? Sem dúvida; mas se o sociólogo não se preocupa com isso, por que o geógrafo não se incumbiria da tarefa com ardor? Seu conhecimento da vida urbana é maior que o do sociólogo e ele poderá, assim, melhor situar as relações entre esta geografia cultural e a das casas, das densidades, das funções”. (1957 [1940], p. 74)

Encontra na cidade uma variedade de fisionomias retratando épocas e influências pertinentes à transformação da cidade e às características da sociedade. Compreende a variedade de paisagens urbanas como reveladoras de pequenos mundos, culturas.

Na época de seus escritos sobre São Paulo, a cidade possuía bairros de imigrantes bem definidos: o bairro japonês, o bairro judeu, o bairro italiano, o bairro armênio, o bairro árabe, etc. Embora Monbeig apontasse São Paulo como uma pérola européia nos trópicos, possuidora de ar favorável aos europeus, não acreditava que grandes transformações da fisionomia haviam se operado. A forte presença de estrangeiros no século XX (especialmente italianos) diluía-se na massa portuguesa, principalmente pela semelhança de origem (a mediterrânea).

Outras diferenças fisionômicas – provenientes de diferenças econômicas – são destacadas pelo autor. Assim, cita o bairro da antiga elite fazendeira e o bairro da nova elite industrial. Considera que esses lugares contribuíam para definir “material e espiritualmente” a cidade, com um dinamismo todo peculiar, revelado na habitação urbana, em especial. Nota que as casas dos ricos do século XIX – e que subsistiam na cidade por ele lida nos anos 40 – assemelhavam-se às casas de fazendas, embora incorporando elementos europeus. Indicavam certa concepção semi-urbana, com jardins e quintal e que as aproximavam das chácaras. O enriquecimento do começo do século e o desenvolvimento urbano abriram caminho para a metropolização e trouxeram à residência dos ricos a incorporação de signos, sinônimos do *bom gosto*, revelados na decoração e no ajardinamento.

Monbeig via nos “bairros operários” um estilo, algo além da dimensão econômica: casas baixas, sem jardins, com muros longos e estreitos. Observava nos cortiços, nas rudes habitações coletivas, que o subsolo – construídos para evitar a umidade – servia para acomodar famílias. Comparava os cortiços da cidade às colônias da fazenda. Destacava que nas “vilas operárias” – loteamentos de tetos individuais construídos para as famílias modestas e feitos por indústrias – havia, a despeito de uma higiene elementar, um sentido incompleto, na medida do isolamento frente à cidade “verdadeira”.

Em outros elementos da fisionomia urbana, procurava destacar o sentido cultural. Assim, encontrava na circulação urbana mais que um elo de união. Destacava a sucessão de culturas. A sua análise dos grandes eixos da cidade, como da Avenida São João (oeste), da avenida Celso Garcia (leste) e o da avenida Brigadeiro Luís Antônio (sul), é composta por uma descrição de fisionomias. Nesses eixos, o autor lê transformações, transições e sedimentações.

Monbeig também fez referência às áreas à margem da urbanização, mas contidas na expansão da cidade. Anotou que se desenvolvia nelas uma cultura particular e espacializada, revelada nos campos de futebol das várzeas dos rios.

## ***O olhar europeu***

Quando Pierre Monbeig prepara-se para considerar a explosão urbana de São Paulo nas primeiras décadas do século XX – e já antecipada por indicadores ao final do século XIX – ele atenta ao período de estagnação anterior. O século XIX foi uma época de relativa paralisia. A perspectiva de se partir para o sertão em busca de ouro e pedras preciosas havia se esgotado como fato animador do pequeno núcleo urbano então existente.

Para Monbeig, o século XIX é um momento decisivo de compreensão da São Paulo metropolitana que será gerada. Que elemento – cultural – foi decisivo na reestruturação da cidade? Em seu diagnóstico, Monbeig recorre a um outro europeu: Saint-Hillaire.

Esse viajante do começo do século XIX (*Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*. Tome I, Paris, 1851) conheceu a São Paulo retraída, mas com uma “herança bandeirante” acumulada. Como Monbeig, Saint-Hillaire corresponde ao olhar do europeu, do mundo civilizado ocidental. Em suas observações, Saint-Hillaire considera a São Paulo de 1819 como “a mais bela de todas” as vilas visitadas no Brasil, sem o aspecto de abandono e ruína que dominava as antigas vilas do ouro em Minas Gerais. Esta relativa *altivez*, esta distinção cultural, já atraía e se renovava com a presença européia *não portuguesa*.

Essa é uma questão importante e metodológica para Monbeig. É preciso procurar na história o papel fecundador do elemento estrangeiro:

A população de uma grande cidade tem origens extremamente diversas [...] Essa mistura dos elementos nacionais nas capitais tem uma importância enorme para o aspecto mesmo da cidade, para sua cor local, e suas repercussões políticas são ainda mais essenciais. (1957 [1940], p. 48).

No que diz respeito a São Paulo, o autor conclui, nessa consideração da “etnia urbana”, que:

Diplomatas, sábios em missões, negociantes ou artesãos, estes estrangeiros, que não eram mais espanhóis ou portugueses, traziam a São Paulo um ar novo. A sua presença concretiza os contatos com uma civilização nova. De pequena escola dos jesuítas, de ninho de aventureiros, São Paulo vai se tornando um posto avançado da Europa Ocidental (1953, p. 25, grifos meus).

É importante observar que nessa época, último quarto do século XIX, a colônia européia era bastante pequena. No entanto, ela teve enorme importância “qualitativa”, segundo Monbeig. Segundo o autor, não se tratava de uma massa, um proletariado a procura de qualquer trabalho ou salário. Era um conjunto de artesãos, comerciantes e engenheiros. Era uma presença qualificada de italianos, de ingleses, de franceses e alemães.

Sobre os franceses diz: “[...] as suas profissões eram muito variadas: jardineiros e floristas, cabeleireiros, modistas, joalheiros, litógrafos, dentistas, professores de música e fabricantes

de licores”. Associa essa presença em particular com o charme da cultura francesa, a necessidade de luxo que chegava como algo vindo de fora.

Os alemães chegavam para ocupar postos nas primeiras empresas estrangeiras de gás e de bondes movidos por animais e traziam a sua engenhosidade fabril, com fábricas de bebidas gasosas e cerveja.

Ou seja, o seu retrato de cada povo é bastante culturalista, cada um com seus símbolos de cultura em todas as suas dimensões: italianos com as fábricas de massa, franceses com os comércios de moda, ingleses com suas máquinas, alemães com suas bebidas e carnes embutidas.

De todo modo, o autor destaca uma universalidade que chega à cidade e vem do exterior, da Europa. Além disso, com suas habilidades mercantis, traziam a São Paulo “uma forma de vida urbana até então desconhecida dos paulistas”. Traziam uma forma de vida, uma civilização de fundo europeu, vista de modo bastante positivo por Monbeig. Um exemplo dessa positividade é dado pelo desenvolvimento do interesse público: “Os estrangeiros priorizam sobretudo os trabalhos de interesse público” (1953, p. 29).

Em certo sentido é a própria concepção de público que se desenvolve com a influência européia. É um alemão que constrói o primeiro abatedouro, um francês que projeta o viaduto sobre o vale central da cidade, europeus que fazem os primeiros loteamentos organizados. Embora as transformações sociais da cidade tivessem criado as condições para a chegada e a ação desses estrangeiros, “eles contribuíram para precipitar a evolução da sociedade e acelerar as transformações da cidade”.

Já nas primeiras décadas do século XX, com o enriquecimento da cidade em torno das atividades cafeeiras, a importância da cultura européia não diminuiu. Ao contrário, ascendeu muito. A “capital dos fazendeiros” permitiu a formação de “um grande foco de povoamento branco”. A “cidade dos fazendeiros” tornou-se um receptáculo de culturas. São Paulo foi se tornando uma das maiores cidades brancas sob o trópico “graças a seu clima” “acolhedor para os europeus”. Monbeig acreditava que São Paulo, mais amena que outras cidades tropicais do país, favorecia a identificação dos europeus.

A influência da cultura européia chegava aos fazendeiros: “As viagens de negócios para a Europa avivavam estes gostos e estes desejos novos. A presença em São Paulo de uma colônia européia que aumenta de ano em ano reforça esta tendência ainda mais” (1953, p. 28).

Cultura, civilização e Europa encontram-se nestas observações. O crescimento da cidade de São Paulo, função de “causas” locais, regionais e até mesmo nacionais, aproxima-a da universalidade, na qual a Europa exerce um norte: quanto mais cresce uma aglomeração, quanto mais importância alcança, “mais se estreitam os seus laços com o mundo exterior”. É isso que lhe dá importância.

É esta característica européia, não exclusivamente portuguesa, que seduz Monbeig. Embora haja, nessa análise, um destaque acentuado da importância da cultura na caracterização do espaço construído, revela-se também um deslumbramento com a capacidade de se construir uma civilização européia nos trópicos.

### Referências

AB'SABER, Aziz Nacib (1994). "Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo". *Estudos Avançados* 8 (22): 221-232.

BATAILLON, Claude (org.) (1991). *Pierre Monbeig: un géographe pionnier*. Paris: Institut des Études de l'Amérique.

MONBEIG, Pierre (1940). *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo, Livraria Martins.

\_\_\_\_\_ (1953). *La Croissance de la Ville de São Paulo*. Grenoble : Institut et Revue de Géographie Alpine.

\_\_\_\_\_ (1957). *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

\_\_\_\_\_ (1958) *Aspectos Geográficos do Crescimento de São Paulo*. São Paulo: Anhembi.

\_\_\_\_\_ (1969 [1954]) *O Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 3<sup>a</sup> edição (original *Le Brésil*. Paris: Presses Universitaires de France).

\_\_\_\_\_ (1984 [1952]) *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo : Hucitec – Polis (tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva). Original : *Pionniers et Planteurs de São Paulo*. Paris : Fondation Nationale des Sciences politiques.

OLIEVENSTEIN, Claude e LAPLANTINE, François (1993). *Um Olhar Francês sobre São Paulo* (Tradução de *São Paulo vu par deux français*). São Paulo: Brasiliense.